

2ª PARTE

ESTUDOS

Rodolfo Teófilo

Ednilo Soárez

1853 nasce Rodolfo Marcos Teófilo no dia 6 de maio. No dia 2 de outubro era batizado por seus pais, o médico Marcos José Teófilo, cearense da capital, e sua mãe, nascida na Bahia, de uma família cearense, na Igreja do Rosário em Fortaleza. ...E, cearense foi Rodolfo até o momento de ingressar na Faculdade de Farmácia, em Salvador, quando um amigo de seu pai ao vir o moço a sua frente diz:

"Cincinato, este menino nasceu aqui, estou bem lembrado, eu vi-o poucos dias depois de nascido, quando fui visitar Marcos, meu discípulo amado.

E chorou o bom velhinho.

Esta cena, que bastante me comoveu nunca esqueci.

Regressei ao Ceará logo depois de formado e aqui me estabeleci com farmácia em Fortaleza.

Contando à minha madrastra e à minha avó materna o que me havia dito o Conselheiro Aranha Dantas, elas confirmaram.

Não sai até hoje daqui a não ser quando estudei, e ao tempo de um passeio que dei a Salvador em 1900, demorando-me quatro meses."²⁰

Órfão de mãe aos quatro anos, o pai com as forças combalidas vitimado que foi na seca de 1862, adquiriu, Beriberi, quando atendia a população, vitimado pelo Cólera-morbus, durante este período luttoso para a população cearense coube ao garoto, com apenas nove anos de idade cuidar de 10 enfermos, e que dolorosa missão não deve ter sido a do menino: levar por ordem severa do pai, que não podia erguer-se sequer, o corpo da irmãzinha recém-nascida para a tulha dos cadáveres insepultos que se espalhavam insepultos pelo chão. Rodolfo

20 SOMBRA, Waldy. *Rodolpho Theofilo: o varão benemérito da Patria, vida e obra*. Maracanaú-CE: Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia, 1997. p.23.:

tinha apenas 11 anos quando o pai morreu, e confessa: que deles só herdara a saudade e a integridade moral.²¹

Essas e outras cenas fortes presenciadas pelo nosso biografado foram narradas depois nas histórias longas e curtas com rigor de detalhes em suas obras, as cenas são tão reais que chegam a impressionar a quem lê, e emocionavam a quem vivenciou.

Aos 13 anos fora forçado a abandonar os estudos no Ateneu Cearense e ingressar como empregado do comércio, como caixeiro, alguém tinha de subsidiar a família. Aqui abrimos breve parágrafo para que Rodolfo fale sob as peculiaridades do caixeiro de então: "O caixeiro nesse tempo era um creado de servir, como disse o Barão de Cotegipe," [...]. O caixeiro não podia exercer o direito do voto porque era considerado praça de pret."²². "Quantas vezes depois de ferrar no somno era despertado por alguém que me batia a porta aos muros; era o patrão político que voltando do palácio do governo, acordava-me para sellar a sua burra preta, [...]. Podia estar livre desses incommodos se para esse serviço, como era de direito o moleque João, escravo, que dormia em um portão visinho ao meu quarto, [...]. "– O Captivo, estando podia sahir e resfriar-se, ter uma pneumonia e morrer. – Era prejuizo de dois a três contos de reis, tanto valia um homem nos cafezais do sul."²³. [...]. "Compreendi que só o livro podia me libertar." – Resolve retomar os estudos para ingressar na Faculdade de Farmácia, apesar da dura lida que a nova ocupação lhe impunha, isso incluía o expediente extra de 8 às 9 da noite, para se dedicar aos estudos, e após seu retorno a casa, mais duas horas para os afazeres escolares.

De posse do diploma de Farmacêutico, com 26 anos, retorna ao Ceará, onde dedica toda sua vida aos trabalhos de sanitaria e de escritor.

21 THEOPHILO, R. *Cenas e tipos*. 1919. p. 129.

22 THEOPHILO, R. *O Caixeiro*. 2003. p. 5.

23 Idem. p. 27-28.

Em 1877, sozinho e as suas expensas combateu a varíola em Fortaleza, vacinando a pobreza pelos areias da periferia da capital, esse gesto iria causar mal estar no governo, por revelar de modo acintoso o descaso deste para com a população carente.

Em 1979 resolve selar suas bodas com Raimundinha Cabral de Melo, filha do comendador português Antônio Cabral de Melo e Henriqueta Hermínia Cabral de Melo, por quem se apaixonara ainda na adolescência. Raimundinha foi o anjo que lhe acompanhou por toda a vida, revelando-se companheira e confidente, e tal como Carolina, a companheira de Machado de Assis, mereceu seu amor, sua gratidão e seus versos. A vida não lhes deu filhos de sangue, mas Raul, o filho do coração, que lhes perpetuou o nome e a profissão do pai.

As cenas fortes que marcaram a infância do menino e que povoaram seus piores pesadelos, contribuindo para a amargura que trazia no peito e no olhar, fortaleceram-lhe a determinação de lutar pela construção do futuro, as cobranças que ele se impôs nortearam suas conquistas.

Espírito irrequieto e militante, assim o qualifica Ivone Cordeiro Barbosa, prefaciando livro sobre os escritos do autor. Personagem ativo da história, deixou marcas de sua passagem em Fortaleza e nos episódios em que viveu, não só como espectador dos fatos, mas como personalidade atuante, sempre na linha de frente, na luta para combater as epidemias do cólera, da varíola, febre amarela, durante as grandes secas. No movimento de revolta popular, a luta contra a deposição da Oligarquia Acciolina, a Sedição de Juazeiro, o Movimento Abolicionista. Participou do movimento de vanguarda literária, a Padaria Espiritual, onde foi Padeiro-mor (Presidente), da Academia Cearense de Letras, do Instituto do Ceará, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Publicou 27 livros onde tratou de temas variados; como ficção, poesia, crônica historiográfica e tratados científicos.

Como escritor peca pelo abuso de descrição em suas composições, tornando-as muito longas e com excesso de detalhes, enfim abusa nos coloridos descritivos, sendo longos por exemplo os períodos que trata das mazelas que acometem a população.

Contudo essa era uma das características da escola naturalista, entrar nos mínimos detalhes naturais e patológicos, tema onde ele foi um dos representantes.

Não desenvolveu fortuna. Em crônica de Hermenegildo Firmeza, produzida no centenário de Rodolfo Teófilo narra: “Uma vez disse-lhe eu que devia desenvolver a fabricação de seus produtos, a cajuína, o xarope de urucu [sic] e outros de grande saída dentro e fora do Estado. Sabem o que me respondeu? – Não quero ficar rico não, porque se isto acontecesse, ficaria ruim.”²⁴

Como bem o qualificou o escritor conterrâneo Melquiades Pinto Paiva, Rodolfo foi “um servidor atento e constante do povo do Ceará.” Essa dedicação teve o reconhecimento nacional quando recebe a outorga de “Varão Benemérito da Pátria”, título que lhe foi concedido pelo Imperador Pedro II, por sua luta em prol da erradicação da varíola, na seca que assolou o Ceará, nos anos de 1877-1878. Em outra ocasião foi distinguido com a Imperial Ordem da Rosa, a mais alta comenda outorgada pelo Império do Brasil; criada em 1829, pelo Imperador Pedro I. para perpetuar a memória de seu matrimônio, em segundas núpcias, com Dona Amélia de Leuchtenberg e Eischstädt.

Rodolfo Teófilo é nome de bairro em Fortaleza. Pertenceu a Academia Cearense de Letras, na qualidade de acadêmico e hoje ostenta também o título de Patrono – cadeira 33.

Títulos publicados: Romances: *A Fome* (1890); *Os brilhantes* (1895); *Maria Rita* (1897); *Violação* (novela, 1899); *Paroara* (1899); *Reino de Kiato* (1922). Poesias : *Lira Rústica* (1913); *Telesias* (1913); Historiográficas: *História da Seca no Ceará* (1884); *Secas do Ceará*: segunda metade do século 19 (1901); *Seca de 1915*; *Seca de 1919*; *Libertação do Ceará* (1922); *Sedição de Juazeiro* (1922). Contos : *O conduru* (1910); Ciências: *Botânica Elementar* (1890); *Ciências Naturais em Contos* (1889); Crônica e/ou memorialismo : *Violência* (1905); *Memória de um*

24 Apud FIRMEZA. In: THEOPHILO, R. *O Caixeiro*: reminiscências. Ed. fac-similar. Fortaleza: Museu do Ceará, 2003. p. 17.

engrossador (1912); *Cenas e Tipos* (1919); *O Caixeiro* (1927); *Coberta de Tacos* (1931). Outros: *Monografia da Mucunã* (1888); *Os meus zoi-los*; *Varíola e Vacinação no Ceará*, 1905; 2. ed. 1910.

Para se conhecer a história do Ceará, da saúde pública e seus usos e costumes, na segunda metade do século 19 e primeira metade do 20, faz-se necessário consultar nosso biografado.

Por fim é justo citar um desabafo e uma contrição com que ele finaliza suas memórias, *O caixeiro*:

“Assim bemdigo [sic] hoje no meu Plácido retiro, no gozo inefável da consciencia de não ter sido um inútil de ter dado os melhores dias de minha mocidade a esta minha muito amada terra, bemdizendo os que procurando humilhar-me elevaram-me até onde podia chegar a minha capacidade moral e intellectual.

Eu os perdôo pelo bem que me fizeram e indirectamente ao meu Ceará.”

Bibliografia:

LIRA NETO. *O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo*. Fortaleza: Ed. Fund. Demócrito Rocha, 1999. ISBN: 85-86375-X.

PAIVA, Melquíades Pinto. *Os naturalistas e o Ceará*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

SOMBRA, Waldy. *Rodolpho Teophilo: o varão benemérito da Pátria, vida e obra*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto; Prefeitura Municipal de Maracanaú, 1997.

THEOPHILO, Rodolpho. *Cenas e tipos*. Fortaleza: Minerva, 1927.

_____. *O caixeiro: reminiscência*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002. (Coleção Outras histórias, 18).